

SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E SUA RELAÇÃO COM O LAZER

SOCIAL SERVICE, WORK AND ITS RELATION TO LEISURE

Rafael Bozzo Ferrareze *

Sueli Godoi **

RESUMO: Este artigo tem por objetivo contribuir para o debate sobre o trabalho e sua relação com o lazer, numa perspectiva marxista de análise da realidade. Sendo assim, o presente estudo busca especificamente identificar a importância do lazer para a classe trabalhadora, investigando como este fenômeno se apresenta no interior da análise marxista sobre a relação capital-trabalho. Em nossa concepção, a perspectiva teórico-metodológica marxista de pesquisa do real pode permitir a explicitação e a compreensão dos fenômenos sociais em seu movimento contraditório de ser e aparecer e em sua relação com a totalidade histórico-social da qual faz parte, isso porque esta perspectiva se constitui numa teoria capaz de expor os nexos fundamentais da realidade social e de dar conta da multiplicidade das determinações contraditórias que a constituem. Portanto a pesquisa sobre o lazer evidencia íntimas conexões entre implementação de políticas públicas e produção do conhecimento que visam encaminhamentos para a problemática dessa relação.

Palavras-chave: Trabalho. Lazer. Tempo livre.

ABSTRACT: *This article aims to contribute to the debate about the work and its relation to leisure, a Marxist perspective analysis of reality. Thus, this study aims specifically identify the importance of leisure for the working class, investigating how this phenomenon is presented within the Marxist analysis of the capital-labor ratio. In our view, the Marxist theoretical and methodological perspective of real research could allow clarification and understanding of social phenomena in their contradictory motion be and appear and in its relation to the historical and social totality of which it is part, that because this perspective constitutes a theory able to expose the fundamental nexus of social reality and to account for the multiplicity of contradictory determinations that constitute it. Therefore research on leisure shows close connections between implementation of public policies and knowledge production aimed referrals to the problem of this relationship.*

Keywords: *Work. Leisure. Free time.*

* Assistente Social, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário (PPGIDC) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO (Câmpus Irati/PR).

** Mestre em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Doutoranda em Território, Risco e Políticas Públicas pela Universidade de Coimbra-Portugal.

INTRODUÇÃO

O Trabalho é o ato de transformar o meio natural em objetos adequados ao desenvolvimento social. Com o trabalho o homem apropria-se da natureza e a modifica de acordo com suas finalidades por ele objetivado. Através do trabalho, o homem se transforma, auto reproduz e se relaciona com os outros homens na realização de atividade, estabelecendo diversas relações sociais.

Os atos do trabalho sempre atendem a uma necessidade historicamente determinada, a qual não se limita à produção de um objeto no imediato, mas se estendem por toda a história da humanidade, cabendo ao trabalho o momento predominante no desenvolvimento do mundo dos homens, sendo nele, feita a produção do novo, elevando o homem a níveis superiores de socialização. Luckás, apud Lessa (2002).

Através do trabalho os homens se constroem como seres diferentes da natureza, em que eles não apenas reproduzem os bens necessários à sua sobrevivência, mas produzem, ao mesmo tempo, as novas necessidades, novas possibilidades e conhecimento dos indivíduos, que possibilitarão a construção de uma sociedade cada vez mais complexa.

Com base nessas premissas, apresentamos a discussão sobre a relação entre o trabalho e o lazer tendo como objetivo: identificar a importância do mesmo para a classe trabalhadora, a questão norteadora foi a exploração do trabalho através do acúmulo capitalista.

1 METODOLOGIA

Realizar uma pesquisa tem como finalidade compreender e desvelar o porquê daquele fato, de maneira científica utilizando uma metodologia que nos possibilite transpor o senso comum. Segundo (MINAYO, 2002, p. 17) a pesquisa “é uma atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade”, ou seja, as questões e os problemas da realidade são objetos de estudos para os pesquisadores, buscando através de metodologias, conhecimento

científico para essas indagações, permitindo ao pesquisador buscar teorias auxiliares para melhor compreender a totalidade dos fenômenos. Este trabalho tem como método de investigação o Materialismo Histórico dialético, o qual parte de uma base material, da realidade concreta compreendendo suas constituições através da particularidade, singularidade e universalidade logo formando a totalidade do objeto.

Esta pesquisa caminhou em busca de evidências da realidade, ou do fenômeno estudado, se aproximando sempre de um determinado período de uma sociedade histórica, a mesma classifica-se como pesquisa social exploratória com abordagem qualitativa. Conceitualmente a pesquisa qualitativa trabalha segundo Minayo (2002), com níveis de realidade que não são quantificáveis, com universos de significações, motivos, dogmas, entre outros. Portanto, a pesquisa qualitativa apresenta dados quantitativos e qualitativos, contemplando-se, “[...], pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.” (MINAYO, 2002, p. 22).

Para compor o universo da pesquisa de campo, foram selecionados aleatoriamente 10 (dez) funcionários de um supermercado da cidade de Guarapuava/PR, que aceitaram participar da pesquisa (comprovando este feito através do Termo de Consentimento e Livre esclarecido explicitando o objetivo da pesquisa e ressaltando a sua não obrigatoriedade na participação da mesma).

Tendo em vista a característica econômica do município de Guarapuava/PR, que se centra na prestação de serviços de força de trabalho e devido à grande carga horária de trabalho apresentada pelos trabalhadores dentro dos supermercados, sentiu-se uma necessidade muito grande em entender se estes trabalhadores dispõem de tempo livre e práticas de lazer em suas vidas.

Para coletar os dados foi utilizado o formulário semi estruturado que para Triviños (1997) parte de questionamentos básicos, apoiando-se em teorias e hipóteses relevantes da pesquisa, oferecendo então, amplo espaço de interrogações, possibilitando assim, novas hipóteses que vão aparecendo à medida que as

informações vão aparecendo. A partir dessas colocações, passamos a apresentar ao nosso leitor a discussão sobre a temática a qual este artigo se propõe.

2 TRABALHO E CAPITAL

Como ponto de partida para nossa reflexão, vamos nos valer de (ENGELS, 1985, p. 71) que parte do pressuposto de que: “O trabalho é a primeira condição fundamental de toda a vida humana, com efeito, em grau tal que, em certo sentido, podemos que dizemos: ele criou o próprio homem”.

O trabalho, portanto é considerado categoria fundante do ser social, pelo fato de que o mesmo possibilita ao homem transformar o mundo, pois é através do trabalho que o homem transforma a natureza e se transforma ao mesmo tempo, e assim se reconhece como tal. Nesse sentido, o homem, ao transformar a natureza, ao realizar suas atividades pensadas, pré-idealizada (capacidade teleológica) diferencia-se dos demais animais que apenas age por impulso.

Através desta idealização, o homem é então entendido enquanto ser social, em sua essência, ou seja, é no trabalho que se produz o novo, elevando assim a humanidade a patamares superiores de sociabilidade. Pois o homem é o único animal que cria meios e instrumentos para a concretização do seu objeto concreto. O trabalho visa atender as necessidades do homem, e nesse processo, ao sanar tais necessidades surgem outras. O trabalho, enquanto objetivação fundante do ser social contém em si determinações materiais e ideais, as quais incorporam não apenas o fazer, mas o porquê, o para quê e o quando fazer, denominando assim, a intencionalidade das ações humanas” (GUERRA, 2007, p. 14).

Desta forma, o trabalho vai se constituindo em uma atividade direcionada para um fim, que para Marx é a “relação de transformação entre sujeito/objeto/instrumentos, tendo em vista um produto final”.

Com a evolução social através do trabalho, o homem vai constituindo sociedades e modos de produção até chegar à

atualidade, criando o sistema capitalista, hoje em pleno grau de maturidade. Dessa maneira, “é estabelecida uma nova hierarquia que simplificou o antagonismo de classe” (MARX; ENGELS, 1953, p. 4), dividindo assim, a sociedade em duas classes: a burguesia e o proletariado; quem detém o poder (capital) e quem serve ao mesmo, (classe trabalhadora).

O capital compra não o trabalho do homem, mas sim sua força; esta se torna uma mercadoria, na qual o homem vende por uma determinada quantia (denominada salário), não pré determinando para quem irá vender sua força de trabalho, nem o valor de tal ação. Dessa forma, sua liberdade fica reduzida à inserção no mercado, na livre concorrência, sendo empregado o valor da “mercadoria humana”, pelo capital. Essa relação então culmina no fato de que o trabalhador passa a não mais realizar todas as etapas da produção, apenas uma, conseqüentemente, ele não se reconhece como produtor do que produz tornando-se o trabalho para este algo que lhe é estranho, que mortifica e no qual o aliena Iamamoto (2001).

Em meio ao capitalismo o homem perde sua relação com a produção não dominando mais os meios deste, aliena-se não somente em relação à este, mas também em relação a sua vida cotidiana, em todas as suas atividades, principalmente no que se refere à capacidade criadora do homem, que é para nós uma possibilidade de compensação do trabalho. Nesse sentido nos propomos então a apresentar nosso argumento sobre o trabalho, tempo livre e lazer.

3 TRABALHO, LAZER, TEMPO LIVRE E SUAS RELAÇÕES

É salutar informar que Marx; Engels em nenhum momento de suas construções teóricas, apresentaram alguma discussão referente ao lazer, suas referências apontam a respeito do tempo livre, entendendo-o como o não trabalho, mas como tempo disponível. Com a introdução do vapor e das máquinas:

[...] o próprio trabalho [...] não permite ao operário nenhuma possibilidade de atividade espiritual, no entanto, absorve-lhe a atenção a ponto de impedi-lo de pensar em qualquer outra coisa. [...] toma do

operário todo tempo disponível, que mal o deixa comer, dormir, que não lhe permite fazer exercícios físicos e desfrutar da natureza, sem falar da ausência de atividade intelectual (ENGELS, 2010, p. 158).

Mesmo tendo consciência de que Marx; Engels não realizaram nenhuma construção teórica sobre o lazer, não podemos negar que nos deixaram a análise da sociedade capitalista, nos orientando para uma compreensão do mundo, tendo como perspectiva a crítica contra a exploração exarcebada e a exploração do capital sobre o trabalho. Nesse sentido o trabalho é entendido então, enquanto uma relação social, pois se produz mercadorias para o atendimento as determinadas necessidades sociais, logo uma relação social de produção. Isso significa que, o trabalho determinado pela necessidade, faz com que o trabalhador perca sua noção sobre o conceito de liberdade.

Marx; Engel (1998) reforça nosso pensamento ao dizer que: “[...] os homens devem estar em condições de poder viver a fim de fazer história, e que para viver é necessário antes de qualquer coisa beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se”. Certamente em outras palavras, os homens para se manterem vivos, necessitam satisfazer as necessidades primárias e secundárias, isso nos leva a entender que entre tais necessidades está o lazer.

Os trabalhadores industriais ao longo da história lutaram pela redução de suas longas jornadas de trabalho, apontando o desgaste físico, a falta do tempo livre, o tratamento desumano e a precária remuneração, como fatores primordiais destas exigências.

Era preciso criar as condições para tanto, ainda que esse tempo a ser inventado fosse espremido entre o trabalho e o sono, cronometrado, artificial. O mesmo relógio de trabalho iria determinar o início e o fim do tempo de lazer. Mas este tempo tinha de ser criado, ainda que mantivesse alguns dos atributos mais detestáveis do pai-trabalho. (CAMARGO, 1992. p. 38).

Camargo ao denotar o trabalho enquanto “pai dos trabalhadores” mostra o quão o capital era contra um período de

lazer para os mesmos. Ele ainda cita o pensamento capitalista acerca da redução da jornada de trabalho. “Um industrial declara: A jornada de oito horas apenas aumentará os lazeres alcoólicos e o trabalho da polícia”. (CAMARGO, 1992. p. 42). Para o capital, o bom trabalhador é aquele que produz mais valia, a preocupação desse sistema não é se o trabalhador está dormindo direito, se está doente, entre outros, não, para os detentores do poder todo e qualquer interesse volta-se ao lucro, ao rendimento que a prole proporciona, através de seu trabalho.

Nossos avós jamais imaginaram que os tempos sociais iriam acabar compartimentalizados e, sobretudo, que inventariam um tempo especial para a atividade lúdica, voluntária, desinteressada, fazendo com que, no trabalho e para o trabalho, o indivíduo reservasse o volume essencial de suas energias. Mas este tempo de lazer tinha que se concretizar socialmente de alguma forma. A saída dos trabalhadores foi a luta pela redução da jornada de trabalho.

O tempo de lazer não estava na lógica de racionalização do tempo, instituído pelo capitalismo industrial do século XVIII na Europa, do século XIX nos EUA, ou do início do século XX no Brasil. Trabalhava-se 5000 horas, por ano, o que significava jornadas diárias de 16 horas, de segunda a domingo, quase todos os dias do ano. (CAMARGO, 1992. p. 38).

Nesse mesmo raciocínio de leitura da atual realidade na qual vivemos, constitui-se apenas em atividades das classes mais elevadas, sendo sua importância menor que o trabalho, onde “a arte, as caçadas, os exercícios físicos, as letras, a filosofia, eram possíveis pelas elites, pois existia alguém, o trabalhador que fazia o serviço sujo” (CAMARGO, 1998, p. 27), portanto, essa sociedade inventou o termo lazer e não a democratizou. Desta forma, o lazer sempre foi uma atividade irrisória ao proletariado, constituindo-se em práticas significativas apenas para os ricos. O lazer no período greco-romano eram atividades específicas dos homens

livres, no entanto os homens livres eram os que se ocupavam dos destinos das cidades.

Os argumentos abordados pelos capitalistas industriais eram de que se houvesse tempo livre ou de lazer para os operários, estes se entregariam a bebedeiras, balburdias e a promiscuidade, não considerando que as jornadas de trabalho dos operários eram longas e cansativas e que todos esses argumentos citados pela não liberação ao lazer/ócio fora criada pela própria burguesia.

Além da intemperança no consumo de bebidas alcoólicas, o desregramento sexual constitui o vício principal de numerosos operários ingleses. Também este é uma consequência inevitável das condições de vida de uma classe abandonada a si própria, mas desprovida de meios de utilizar sua liberdade de modo apropriado. A burguesia, ao mesmo tempo em que a acumulou de penas e sofrimentos, só lhe deixou dois prazeres: a bebida e o sexo. (ENGLES, 2010, p. 166).

Na história da humanidade, observamos diversas manifestações a cerca das horas de trabalho, horas estas que eram de uma duração desumana. Lafargue em - O direito a preguiça – corrobora quando expressa: “Na sociedade capitalista, o trabalho é a causa de toda a degenerescência intelectual, de toda a deformação orgânica”. (LAFARGUE, 1883, p. 7). Em tempos de “pós-modernidade” a população encontra-se tão alienada em detrimento do trabalho que se esquecem de viver uma vida fora dele, ou um tempo para o lazer; mesmo o fazendo, o labor fica em meio ao pensamento não permitindo assim que as pessoas se desconectem totalmente de seus trabalhos Lafargue (1883), pois em todo o percurso de nossas vidas fomos e até hoje somos educados para o trabalho. Temos que ser homens e mulheres instruídos e preparados para tal ação. O trabalho ocupa tamanha importância em nossa história de vida que, ainda pequenos, éramos indagados a cerca de nossas futuras profissões ou com o que iremos nos ocupar em um futuro breve.

Na sociedade capitalista, pessoas desocupadas, ou ainda que não possuam ambição não encontram espaço. Pois dentro deste nicho, a sede de ter ao em vez de ser é tamanha que, ou você está inserido no mundo capitalista ou está fora. Camargo afirma que, “[...] nossa civilização teria imensas vantagens se acreditasse mais no *faber* que nasce do *ludens*, sem sentir tanta necessidade de sufocar o segundo”. (CAMARGO, 1998, p. 32). A globalização é rápida, a era digital mais ainda, estes se encontram no mundo *faber*, o tempo livre e o lazer são tranquilos, benéficos, portanto fazem parte apenas do mundo *ludens*, permeados por alguns adultos e pela maioria as crianças.

O trabalho aliena tanto as pessoas, que não só o tempo livre e o lazer ficam esquecidos, a saúde a educação o bem-estar físico, psíquico e espiritual também. A produção em fábricas, empresas, mercados e outros, exigem muito esforço físico e mental de seus funcionários, e horas presos dentro de seus locais de trabalho, ficando assim quase que impossível para os trabalhadores o desfrute de um tempo livre, a prática do lazer ou o cuidado de si.

4 LAZER, TEMPO LIVRE E A CLASSE TRABALHADORA

O tempo livre é um tempo que por mais que aceite obrigações prazerosas não se confunde com lazer, pois segundo Dumazedier (1980), não podemos classificar lazer como tempo livre, liberado ou extraprofissional, pois este tempo (livre), aloca as atividades domésticas familiares, em contrapartida o lazer define-se em função da liberdade de qualquer forma de trabalho. Este é algo individual, por mais que seja realizado em grupo, é uma experiência única, agrega a tão almejada liberdade pelos trabalhadores, liberta-os das prisões mecânicas que o capital os prende. O autor faz alusão a um pensamento marxista quando expressa: “[...] uma vez reduzido o tempo de trabalho, correspondentemente surgiria oportunidade de cultura para os indivíduos, graças aos lazeres e outros meios oferecidos a todos” (DUMAZEDIER, 1973, p. 112). Marx nesse pensamento não especifica lazer, porém afirma a importância do

tempo livre, fora do labor para a vida dos trabalhadores através da redução da jornada de trabalho, enfatizando quando diz “a todos”.

O lazer beneficiou-se basicamente da redução da jornada de trabalho, e é neste sentido que se diz que o lazer é um produto do trabalho. Mas em menor grau, beneficiam-se também, da redução de tempo gasto com outras obrigações cotidianas e mesmo de algumas necessidades prementes, como o sono e a alimentação. (CAMARGO, 1992, p. 49). A classe trabalhadora necessita de tempo, para divertir-se, pensar, descansar, e mostrar acima de tudo sua existência e não o seu silêncio, tempo que dia após dia, o capital tem tragado. Hoje as pessoas não passam de grandes massas, uma multidão perdida, assimilada, calada, sem questionar ou pensar, movidas apenas pelo impulso do consumismo emanado do capital.

Baudrillard (2004) retrata nossa sociedade atual e em que a população se tornou ao indagar que as massas não possuem história a escrever, nem passado ou futuro, não têm energia para liberar ou desejos a realizar sendo sua única força na atualidade o silêncio. Para o autor o termo massa, agrega-se a multidão, o silêncio e a inexpressividade, a falta de mais atuações enquanto classe trabalhadora portadora de direitos. O mesmo reforça quando diz que a massa só é massa porque sua energia social se esfriou. BAUDRILLARD (2004). A massa, não devolve mais nada no meio em que vive, simplesmente absorve, afirma ainda que é preciso liberar a energia da massa para dela se fazer o social.

5 A VISÃO DE LAZER E TEMPO LIVRE EM MEIO AO TRABALHO, APLICADA AO PÚBLICO ALVO DO ESTUDO

Este artigo parte do interesse em conhecer um pouco mais a cerca das relações e entendimentos sobre trabalho, tempo livre e lazer, inerentes aos funcionários de um determinado supermercado, na cidade de Guarapuava-PR, corroborando assim, com o tema proposto; descrevendo-o, tornando-o claro, levantando discussões acerca do mesmo, com interesse em teorizar e deixar visível as objetivações aqui reconhecidas enquanto pesquisa em meio à

sociedade, como afirma Minayo: “A pesquisa social é sempre tateante, mas, ao progredir elabora critérios de orientação cada vez mais precisos”. (MINAYO, 1994, p. 13).

Ao realizar a análise dos dados através de um questionário semi-estruturado, pode-se observar no tocante ao tempo de serviços, que 4 (quatro) funcionários possuem entre um e quatro anos de serviço na mesma, 3 (três) possuem menos de um ano de trabalho e os outros 3 (três) prestam serviços a mais de quatro anos. Nota-se que apenas três funcionários não conhecem totalmente a dinâmica da empresa, pois de dez entrevistados, sete apresentam um tempo significativo de trabalho dentro da empresa, conhecendo a fundo o ritmo e as práticas no devido local. Entre o público alvo da pesquisa, 8 (oito) alegam receber um holerite em torno de quinhentos a setecentos reais (R\$ 500,00 a R\$: 700,00) por mês, os outros 2 (dois) funcionários declaram ganhar acima do último valor citado. Os 10 (dez) funcionários participantes da pesquisa interpretaram o tempo destinado ao almoço, (uma hora e meia a duas horas), como sendo o tempo dispensado para o lazer, mostrando assim que estes não possuem um determinado momento ou no caso, outro período destinado a esta prática ou apenas a um tempo livre intra-ambiente de trabalho. Os participantes possuem uma jornada de trabalho de 8 oito horas, tempo este que não se inclui, o período de almoço.

Cada funcionário apresenta um entendimento acerca de tempo livre e lazer para si; 3 (três) funcionários entendem que se refere à não se ter nada para fazer, 2 (dois) entendem o conceito como o fato de não precisarem trabalhar e 5 (cinco) disseram que tempo livre pra si é passear, ter liberdade, poder escolher o que se quer fazer. Analisando algumas respostas pôde-se observar que, para o funcionário número 1 (um), tempo livre é um momento onde se pode fazer o que quer, não o que o mandam; para o número 2 (dois) é esquecer-se do mundo, dos problemas, descansar, e para os funcionários números 4 e 8 (quatro e oito), é não ter que cumprir horários, ter liberdade, não estar trabalhando.

Utilizando de Dumazedier (1980), os respectivos funcionários não apresentam entendimento a cerca da dinâmica do tempo livre, pois estes, não denotam um conceito de liberdade,

situação tal encontrada na prática do lazer. “[...] o lazer se define em função da liberação do trabalho profissional e familiar”.

Indagados sobre o conceito lazer para si, 2 (dois) funcionários acreditam que lazer é fazer o que se gosta, 3 (três) tratam lazer como o simples fato de estar entre os familiares, 5 (cinco) entende lazer como passeios, descanso, a ludicidade, atividades físicas e religiosas, o simples ato de dar risada, ou estar feliz. Dumazedier (1980) define o sentido de lazer como sendo o tempo que cada um tem pra si depois de cumpridas todas as obrigações ou determinações empregadas aos mesmos, o autor ainda menciona que este tempo é vital para consigo mesmo, sendo antes de tudo a libertação de cada um em meio ao que se quer ou deseja fazer. Neste intuito entende-se que, a maioria dos funcionários confundem as atividades realizadas nos momentos de tempo livre, com as atividades praticadas no lazer, pois visto acima, tudo que se conceitua como uma obrigação mesmo que prazerosa, não pode ser tida como lazer, se encontra e se realiza no momento de tempo livre. Temos como exemplo desta troca de conceitos, o funcionário número 5 (cinco), que conceitua lazer como o ato de cuidar da casa, cuidar dos filhos, atividade existente no tempo livre não no lazer.

No tocante à escolaridade, segundo a análise dos dados, 6 (seis) dos entrevistados possuem o segundo grau completo, 3 (três) apresentam o primeiro grau completo, e apenas 1 (um) possui o primeiro grau incompleto, negando assim uma possível correlação de entendimento dos conceitos de lazer e tempo livre com grau de escolaridade entre uns e outros. Não consegui entender isso!!!

A análise acerca de informações e entretenimentos diversificados dos entrevistados relatou-nos que, 9 (nove) funcionários leem jornais, 5 (cinco) alegam ler uma vez por semana, 3 (três) leem quase todos os dias (três a quatro vezes por semana) e apenas 1 (um) lê jornal todos os dias. Acerca de programas tele jornalísticos, os 10 (dez) entrevistados disseram ter acesso a este entretenimento, 6 (seis) assistem todos os dias, 2 (dois) quase todos os dias (três a quatro vezes por semana), e os outros 2 (dois) afirmam assistir telejornal uma vez por semana. Os funcionários afirmam que quando surge um tempo para assistir TV,

suas maiores preferências seriam, 3 (três) dos pesquisados assistem filmes e/ou desenhos, 3 (três) preferem assistir apenas novelas, e 4 (quatro) assistem seriados, programas religiosos, de humor, jogos futebolísticos e outros.

Com a rotina apresentada pelos funcionários, torna-se difícil, segundo os mesmos tirar um tempo, seja para ler um jornal ou assisti-los, pois, levanta-se cedo para o trabalho e chega-se tarde em casa, (incluindo o tempo de ida ao trabalho e volta para a casa), eles não procuram informação com qualidade, querem apenas descansar um pouco, dar risada da vida que passa perante seus olhos, esses indivíduos estão massificados dentro de um sistema ultrajante, que absorvem suas forças, seu intelecto. Baudrillard (2004) explana esse conceito de indivíduos massificados: “A massa só é massa porque sua energia social já se esfriou. É um estoque frio, capaz de absorver e de neutralizar todas as energias quentes”. Devido à massificação dos trabalhadores em geral, e seu silenciamento, o autor traz à tona a necessidade de liberar a energia da chamada “massa”, o trabalho no supermercado pesquisado é pesado, é um trabalho árduo e cansativo, exige muito tempo e paciência para ser realizado, e em contra partida, o salário desses trabalhadores, o valor da força de seu trabalho é mínima.

Recapitulando a informação, os trabalhadores entrevistados apresentam uma jornada de trabalho para seus funcionários de 8 (oito) horas por dia. Os 10 (dez) funcionários, trabalham aos finais de semana, e 8 (oito) deste incluem-se alguns feriadados. Com uma carga horária de trabalho incluindo finais de semanas sobrando pouco tempo assim, para seus afazeres pessoais, muitos entrevistados sentem dificuldades não apenas em ter o lazer ou tempo livre, mas a própria informação, pois cansados muitos destes preferem ficar em casa descansando. Os Funcionários entrevistados, na visão de Lafargue (1883), se esgotam por algo que os consomem dia após dia, o trabalho; cansados e embrutecidos pelo trabalho, não sobram tempo para ciências diversas não apresentam tempo nem para si, pois passam um maior período de suas vidas, trabalhando dentro do supermercado do que em suas próprias casas. Estes dados analisados nos mostram um lazer ou um

tempo livre, quase que inexistentes ou sucateados na vida destes trabalhadores, pois não praticam nem um em nem o outro, como realmente deveriam, e se praticam, não o fazem com qualidade, devido suas jornadas de trabalho.

Quando tiram férias do supermercado, 3 (três) dos entrevistados citam ficar com familiares, 5 (cinco) viajam para casa de familiares em outras cidades e/ou casa de amigos, ou passeiam, 2 (dois) dizem que em tempos de férias preferem dormir, assistir filmes, jogar bola entre outras atividades. Os 10 (dez) funcionários entrevistados consideram o lazer importante para suas vidas, no entanto 4 (quatro) citam como motivo desta importância, o momento de despreocupação que o lazer proporciona, 1 (um) agrega a importância do lazer ao ato de passar tempo com os amigos e 5 (cinco) dos entrevistados consideram-no importante por que através do mesmo param de pensar um pouco, descansam, saem da rotina, ficam em paz. 2 (dois) funcionários dizem que, sua prática de lazer é o ato de descansar, 3 (três) realizam atividades físicas, 4 (quatro) conceituam como práticas de lazer exercido, assistir TV, passear, dançar, ir à igreja, e 1 (um) diz que sua prática de lazer é o trabalho. Aqui entendemos que os funcionários exercem o lazer quando podem. Porém, o que mais nos chamou a atenção foi o fato de que a rotina de trabalho de um dos funcionários já o impregnou de tal forma que este se tornou seu lazer, confirmando o pensamento de Yamamoto “[...] o trabalho se transforma para o trabalhador em algo que lhe é estranho, que mortifica e no qual se aliena”. (IAMAMOTO, 2001, p. 69). Esse trabalhador está tão inserido no âmbito do capital, que não consegue mais se desligar do que o considera categoria fundante, pois o trabalho visa atender as necessidades do homem, e nesse processo, ao sanar tais necessidades surgem outras, que no caso deste funcionário é o equívoco em considerar trabalho como lazer.

Os participantes desta pesquisa são jovens e adultos se encontrando em idades variáveis, 2 (dois) destes têm entre dezessete a vinte anos, 3 (três) possuem entre vinte e um a vinte e quatro anos, 2 (dois) classificaram suas idades entre vinte

e cinco a vinte e oito anos e 3 (três) possuem de vinte e nove a trinta e dois anos. Divididos em dois grupos os participantes da pesquisa percentualmente seriam 5 (cinco) entre dezessete a vinte e quatro anos e os outros 5 (cinco) etariamente estariam entre vinte e cinco a trinta e dois anos, ou seja, idade juvenil e idade adulta. Através destes dois grupos formados, pode-se observar que 6 (seis) dos entrevistados possuem alguma chefia familiar, seja através de pagamento de contas, responsabilidades sociais, ou arrimo de família, dos 5 (cinco) jovens entre dezessete a vinte e quatro anos 2 (dois) são chefes de família. Em suas casas, os entrevistados não possuem muito tempo para a prática não apenas do lazer, ou de um tempo livre, mas também não encontram tempo para cultura e educação, pois os dados nos mostram que 4 (quatro) dos entrevistados apenas ele é provedor familiar, 6 (seis) possuem ajuda financeira de outros membros da família, destes 8 (oito) tem seu trabalho no supermercado, com fonte única de renda, e 2 (dois) possui outro serviço como ajuda de custo.

Ao analisar os dados percebeu-se que os trabalhadores do supermercado, em teoria não classificam tempo livre e Lazer corretamente, porém, em prática a maioria distingue-os corretamente, é visto que esses trabalhadores apresentam um tempo excessivo de rotina de trabalho no supermercado, e que não conseguem recorrer a outras fontes de informação que não sejam a televisão, veículo de entretenimento de maior acesso a todos, para sanar suas poucas horas de descanso ou de lazer. Ainda ressalva-se que o sistema que os envolve, os traga para dentro de uma produção de mão de obra, desumana, de uma mais valia que não são suas, para um ciclo alienante de cansaço e dor, que os mesmos não sabem e ao saber o aceitam, pois precisam do trabalho para se manterem enquanto seres integrantes deste sistema. Lafargue (1883) cita um exemplo do que se tornou nossa época atual e aponta os sintomas deixados pelo labor, como uma espécie de herança a nossa sociedade: “A nossa época é, dizem, o século do trabalho; de fato, é o século da dor, da miséria e da corrupção”. (LAFARGUE, 1983, p. 12).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa pudemos inicialmente compreender um pouco a cerca da dinâmica da vida do trabalhador haja vista que o mesmo absorve todo e qualquer tempo existente na vida dos trabalhadores por conta de sua longa jornada de trabalho, sobrando a estes funcionários que vendem sua força de trabalhista por um salário pífio, um tempo pequeno, tempo este de cansaço, de dor, de penares. Através dos pensamentos de Baudrillard e de outros autores que dialogamos nessa pesquisa, pudemos enxergar o quão a classe trabalhadora está alienada, parada, cansada e calada, recebendo pouca informação muitas vezes sem qualidade, sem protestar por suas horas excessivas de trabalho, sem discutir acerca da falta de tempo livre e lazer, sem qualidade de vida, sem lutar por direitos iguais e mais humanos, e sem lutar por um salário digno, nada, se quer sabem da existência de um sindicato que deve lutar por seus direitos, por suas reivindicações, e se sabem, desacreditam em suas próprias forças de luta, de protesto, pois o melhor caminho é o do silêncio, da aceitação, da alienação.

Não podemos descartar neste, e empregar toda a culpa do silêncio irracional sobre estes trabalhadores que, fora todos os motivos apresentados que permeiam tal silêncio e submissão, existe o desemprego estrutural, trabalhadores em filas de emprego esperando por uma vaga de trabalho, onde muitas vezes por menor que seja tais questionamentos por parte dos funcionários ou a não satisfação pelo pouco (que para os capitalistas é muito) o sobrevém ameaça de demissão ou a repressão, e muitas vezes até mesmos descaso, sabendo esses que se reclamarem outras pessoas para ocuparem seus lugares estarão em pronto atendimento.

O trabalho em plena maturidade como visto no decorrer do artigo, tem silenciado não apenas esses trabalhadores, mas a população como um todo. Sim, o capitalismo explora, absorve e algumas vezes até mata. É um circulo vicioso que não fornece nada de qualidade, no entanto poucos são os que veem e percebem isto. Temos que reivindicar tempo livre, lazer para todos, pois se não pararmos um pouco, se não dermos tempo, não apenas a todas

essas atividades geradas pelo tempo livre e pelo lazer que haja vista, nos liberta, o trabalho preencherá todo o tempo na vida dos trabalhadores. Nesse sentido, consideramos de suma importância o papel do Assistente Social, no engajamento da promoção de políticas públicas e sociais de lazer não apenas para os trabalhadores, mas para todos, bem como a existência de deliberações eficientes em âmbito Federal para a concretização nas três esferas de governo, federal, estadual e municipal, para a implementação de políticas contínuas na área do lazer. Este é um dever do Estado, já que a classe trabalhadora é a força motriz do sistema capitalista.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** Boitempo editorial, 6. reimpressão. Agosto de 2003, p. 258.

BATISTA, A. **A questão social e as refrações no serviço social brasileiro na década de 1990.** (tese de doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC-SP, 2002.

BAUDRILLARD, J. 1929. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas** / Jean Baudrillard; tradução Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMARGO, L. O. de L. **O que é lazer.** (coleção primeiros passos) 3. ed., 1992. Editora Brasiliense.

_____. 1947. **Educação para o lazer**/Luiz Octávio de Lima Camargo. – São Paulo: Moderna, 1998. (Coleção Polêmica).

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer.** Trad. De Regina Maria Vieira. São Paulo, SESC, 1980. p. 180. (Biblioteca Científica – Série Lazer, n. 3).

_____. **Lazer e cultura popular.** Tradutor: Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 337.

ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra/ Engels, Friedrich. Tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Neto. ed. Revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **Quota-parte do trabalho na hominização do macaco.** In: Marx, Karl e Engels, Friedrich. Obras escolhidas. Tomo III. Lisboa: Avante e Moscovo: Progresso, 1985.

GIL, A. C. 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antonio Carlos Gil. 4. ed., 10. Reimprimido, São Paulo: Atlas, 2007.

GUERRA, Y. **A instrumentalidade do Serviço Social.** 6. ed., São Paulo: Cortez, 2007.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica.** 14. ed., São Paulo: Cortez; Lima/Peru: CELATS, 2001.

LAFARGUE, P. **O direito a preguiça.** In CAPRA, Paulo (Org.). Abaixo ao trabalho. Porto Alegre: Deriva, 2007.

LESSA, S. **Mundo dos Homens: Trabalho e ser social.** São Paulo: Boitempo, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista.** Prólogo de José Paulo Netto. São Paulo: Cortez, 1998.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 2. ed., Petrópolis/RJ: Cortez, 2002, p. 9-29).

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.